

CAPOEIRA



Revista de Humanidades e Letras

ISSN: 2359-2354

Vol. 9 | Nº. 1 | Ano 2024 Site/contato
<https://revistas.unilab.edu.br/>

Editores

Dr. Pedro Acosta-Leyva.
email:leyva@unilab.edu.br. Dra. Juliana
Barreto Farias. Email:
julianafarias@unilab.edu.br

**Rutte Tavares Cardoso
Andrade-UNILAB**

Dra. Rutte Tavares Cardoso Andrade é uma filósofa Africana e Doutora em Ciências Sociais. Professora Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Coordenadora de Grupo de Pesquisa sobre Filosofia Africana, Processos Educativos e Descolonização em África (UNILAB). Idealizadora e Coordenadora do Projecto Educacional Comunitário Koperativa Per Ankh – Cabo Verde.

A Agência das Mulheres Africanas na Educação: a experiência de Koperativa Per Ankh em Cabo Verde

RESUMO

O presente artigo propõe uma abordagem sobre a experiência de ativismo em África, centrado na agência das mulheres africanas do continente. Neste exercício de teorização concebemos a proposta epistemológica de afrocentrada como fundamento para promover dinâmica e desenvolvimento cultural, educacional e espiritual dos povos africanos. Partimos das seguintes questões: qual é a nossa agência no processo de Redenção da África? Quais são estratégias que podem potencializar a unidade como mecanismo no processo e libertação e restauração de Maat? Este trabalho apresenta objetivos, metodologias e resultados de um conjunto de ações resultantes da iniciativa coletiva, que tem promovido espaço de reflexões e troca de saberes que promovem a consciência histórica e educação assente na matriz civilizatória africana. Nessa encruzilhada em que reuni as famílias da comunidade de Achada Baleia, em parceria com alguns movimentos sociais cabo-verdianos, pretendemos firmar o nosso compromisso no processo de libertação das mulheres, crianças e homens da nossa comunidade e despoletar um conjunto de problemas emblemáticos, que urgem ser discutidos e pesquisados a partir da valorização do nosso sistema cultural, concebendo os (as) africanos (as) como agentes e protagonistas da própria história, visando à superação do sistema dominação neocolonial e racismo estrutural.

Palavras chave: Mulheres Africanas. Agência. Educação. Koperativa Per Ankh.

ABSTRACT

This article proposes an approach on the experience of activism in Africa, centered on the agency of African women of the continent. In this exercise of theorization we conceived the epistemological proposal of Afrocentered as a foundation to promote dynamics and cultural, educational and spiritual development of african peoples. We start from the following questions: what is our agency in the African Redemption process? What are strategies that can potentiate unity as a mechanism in the process and release and restoration of Maat? This paper presents objectives, methodologies and results of a set of actions resulting from the collective initiative, which has promoted a space for reflections and exchange of knowledge that promote historical awareness and education based on the African civilizing matrix. At this crossroads in which I gathered the families of the community of Achada Baleia, in partnership with some Cape Verdean social movements, we intend to establish our commitment in the process of liberation of women, children and men from our community and trigger a set of emblematic problems, which need to be discussed and researched from the valorization of our cultural system, conceiving africans as agents and protagonists of their own history , aiming at overcoming the neocolonial domination and structural racism system.

Key-words: African women. Agency. Education. Koperativa Per Ankh.

Apresentação

Koperativa Per Ankh é o nome escolhido para o Projecto Educacional Comunitário, com o foco no fortalecimento da comunidade, a partir da sua dinâmica histórica e sistema cultural que compõem a matriz civilizatória africana em Cabo Verde. O presente projecto é expressão máxima de restituição e solidariedade como princípios estruturantes do sistema cultural africano que se traduz no movimento de retorno à comunidade. Neste movimento de resistência política e cultural, concebemos o retorno à comunidade como uma categoria analítica, inspirado no pensamento filosófico da burquinense Sobonfu Somé, no livro *Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar* (2007). Nesse livro, a autora, cujo nome significa “mantenedora do ritual”, defende a dimensão comunitária da nossa experiência existencial. Ao nascerem, as pessoas recebem as dádivas das comunidades e elas precisam de retornar à comunidade para retribuir os dons que receberam e fortalecer a comunidade. Não existe a pessoa sem a comunidade, e nem a comunidade sem as pessoas. Nas suas próprias palavras:

A comunidade é o espírito, a luz-guia da tribo, é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar uma das outras. O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com os dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada. Sem essa doação, a comunidade morre. E sem a comunidade, o indivíduo fica sem um espaço para contribuir. A comunidade é uma base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dádivas dos outros (SOMÉ, 2007, p. 35).

Enquanto membros da comunidade, atravessado pelos processos históricos neocoloniais¹ que decimaram o nosso povo e pilharam todos os nossos recursos, temos a missão política, com a nossa comunidade no que toca ao processo de resistência e enfrentamento ao sistema neocolonial. Conforme reitera a filósofa Sobonfú Somé (2007), a comunidade potencializa as condições para a nossa realização enquanto pessoas, em todas as nossas potencialidades. Assumir o nosso compromisso no processo de restauração da nossa liberdade é um imperativo ético para a superação dos processos

¹ O neocolonialismo difere do colonialismo por quatro questões principais: o discurso de fim das relações coloniais e a continuidade das práticas coloniais; a criação de elites africanas para representar os interesses dos “ex-colonizadores”; o uso oficial das línguas coloniais em detrimento das línguas originais; a existência de Estados independentes, mas desprovidos de soberania. As elites africanas marionetes do neocolonialismo e os programas internacionais de espionagem fizeram das independências nacionais em África uma fase de reajustamento do sistema colonial e não de ruptura revolucionária. O neocolonialismo afirmou-se como um colonialismo doméstico (RODNEY, 1975) e ascendeu frustrando o processo de descolonização e bloqueando a possibilidade de uma grande revolução cultural africana (GOMES, 2018, p. 6).

violentos do sistemas de colonização e o racismo estrutural que subdesenvolveu² as comunidades africanas, no continente e suas diásporas.

Em Cabo Verde, assim como nos diferentes países do continente africanos, os processo de colonização nos obriga a deixar os nossos países, em condições adversas para à procura de melhores condições para garantir a nossa integridade coletiva. É com o propósito de assumir a nossa missão no fortalecimentos comunitários que construímos o Projecto Educacional Comunitário Koperativa Per Ankh. Propomos fortalecer a comunidade com as propostas de ações centradas na ancestralidade africana, de forma a promover a identidade cultural assente em três pilares fundamentais: fator histórico, fator psicológico e fator linguístico (DIOP, 1980). Esse exercício de encantamento preseguirá com as seguintes indagações: como mulheres africanas, qual é a nossa agência no processo de Redenção África e restauração da nossa soberania como um povo, face ao sistema hegemônico e racismo estrutural? Que estratégias podemos construir no sentido de promover a Unidade como mecanismo fundamental, na luta por e libertação das nossas comunidades?

Nos finais de 2016, tivemos o primeiro encontro de apresentação e socialização das propostas com um grupo de pessoas jovens (pessoas) engajadas politicamente e dispostas a colaborar no processo de fortalecimento das famílias na comunidade de Achada Baleia. No referido encontro, o nosso foco foi a educação, que sempre representou um desafio para as famílias e as comunidades de modo geral. Pois em nível regional a nossa comunidade apresenta elevada taxa de evasão escolar no ensino secundário (ensino médio, no Brasil), no concelho de São Domingos. O propósito da Koperativa Per Ankh, se traduz na missão de promover uma educação em base Africana e junto à comunidade ressignificar as estratégias de enfrentamento do fenómeno de exclusão e libertação das famílias nas diferentes dimensões, o despertar da consciência

² Walter Rodney foi um militante pan-africanista e um dos maiores historiadores do século XX, autor do clássico *Como a Europa subdesenvolveu a África* (1985). O trabalho de Rodney assumiu um lugar fundamental para entender os legados da escravidão e do colonialismo para o subdesenvolvimento que se desenrolou, ao longo de séculos, no continente Africano. Os argumentos do Rodney fundamentam-se no pressuposto de que a África - longe de estar fora do sistema mundial - foi crucial para o crescimento do capitalismo no Ocidente. O que ele chama de subdesenvolvimento foi, de fato, produto de séculos de *maafa* (tragédia da escravidão), exploração e imperialismo. Rodney mostra conclusivamente que poderes coloniais e imperiais - não apenas enriqueceram seus próprios impérios, mas, de fato, inverteram o desenvolvimento econômico e social na África. O subdesenvolvimento é uma condição historicamente produzida através da expansão capitalista e do imperialismo, e muito claramente não uma propriedade intrínseca da própria África. Rodney escreve: “Os camponeses e os trabalhadores da Europa pagaram um preço enorme para que os capitalistas pudessem lucrar com o trabalho humano que sempre fica atrás das máquinas. Houve um período em que o sistema capitalista aumentou o bem-estar de um número significativo de pessoas como um subproduto da procura de lucros para alguns, mas hoje a busca de lucros entra em conflito com as demandas das pessoas quais suas necessidades materiais e sociais devem ser cumpridas. Como Rodney descreve, o comércio africano foi fundamental para o seu crescimento, o mais importante através do tráfico de escravos de aproximadamente 1445 a 1870, transformando a África em fonte de matéria-prima humana para o Europa e América.

política, econômica, educativo, saúde, espiritualidade, relação com a natureza, dentre outros.

Na agenda, definimos alguns objetivos que nos ajudam a efetivar o nosso propósito de fortalecimento comunitário. Dentre esses objetivos, destacamos: promover espaços de reflexão e troca de saberes entre gerações da comunidade; criar espaços de socialização, (e) orientação e reforço escolar para as crianças; aprender os saberes com os mestres e mestras da comunidade; adquirir materiais didáticos para o reforço escolar das crianças e adolescentes da comunidade; promover eventos desportivos com os grupos ou comunidades pelos integrantes do grupo; construir mecanismos e uma rede de apoio e combate às opressões na comunidade de Achada Baleia que possa servir de referencial para a atuação da comunidade.

A comunidade de Achada Baleia, Ilha de Santiago em Cabo Verde, tem tido a possibilidade de acessar cursos e minicursos, roda de saberes, oficinas sobre vários temas, como saúde, educação, finanças/economia, cultura; acesso aos serviços de saúde, aulas de reforços para crianças e adolescentes, formação no campo de agricultura e criação de gado, oficinas de preservação dos alimentos, aulas de desporto, nas várias modalidades, para as crianças e adolescentes entre outras ações que envolvem pesquisas e engajamentos das pessoas que compõem o projecto; promover a educação e desporto centrados na ancestralidade: saberes tradicionais e trocas entre gerações; criação de metodologias, jogos, materiais literários e didáticos para as crianças, os professores e comunidade interessados.

“Fora” como o não-lugar

Achada Baleia é uma comunidade situada na parte oriental da Ilha de Santiago, Cabo Verde. Faz parte da Freguesia de Nossa Senhora da Luz, a região de Bahia de Alcatraz. Neste momento, a comunidade contempla aproximadamente 430 habitantes. Situa-se perto da costa leste, a 2 km a noroeste da Baía de Alcatraz e a 15 km a nordeste da cidade da Praia, capital de Cabo Verde.

Situada num enorme planalto, e uma ribeira que se assemelha ao Vale do Rio Nilo no Egito, Achada Baleia apresenta enorme potencialidade agrícola e pecuária. Porém, há décadas que as atividades agrícolas ficaram seriamente comprometidas, com as secas cíclicas e apanha de areais, provocando o processo de salinização das águas. A exploração do mar, via apanha de areia, fez com que a água do mar atingisse o lençol

freático nas Ribeiras, o que condicionou substancialmente a prática de agricultura e a criação de gado, como atividades económicas fundamentais das famílias.

A comunidade tem limitações aos mais diversos serviços básicos. A escola que existe hoje contempla duas salas de aulas, com moveis da década de 1990. As duas salas não oferecem condições de acolhimento e principalmente conforto para os/as docentes e discentes no nível de ensino básico ofertado na comunidade. Para o acesso ao ensino secundário, os adolescentes e jovens percorrem uma distância de 10 km, diariamente, para a cidade de São Domingos, onde existe a Escola Secundária Fulgêncio Tavares. Como o preço do transporte é alto dentro da faixa de renda das famílias, muitos pais enfrentam a dificuldade de manter os adolescentes no ensino secundário. Esse fator justifica a evasão e exclusão escolar na comunidade.

O jardim infantil encontra-se em ruína e hoje as crianças recebem aulas na casa de uma moradora da comunidade que, pela sua estrutura, não apresenta condições de ensino e aprendizagem das crianças e muito menos segurança e entretenimento. No início de 2005, foi construído o Centro comunitário de Achada Baleia, com o financiamento da Associação comunitária em parceria com a Câmara Municipal de São Domingo. O Centro nunca foi mobilado e hoje não tem mínimas condições de uso, visto que os tetos ruíram, as janelas estão quebradas, não há energia elétrica e os banheiros nunca funcionaram por falta de água.

No que toca ao serviço de abastecimento de água, a comunidade enfrenta penúrias, pois costuma demorar cerca de um mês para o autotanque do Município de São Domingos abastecer a comunidade. Importa destacar o risco à saúde por conta da qualidade da água que a comunidade recebe, visto que se desconhece completamente a sua qualidade. As famílias que têm condições financeiras compram água, por um preço muito alto, que poucos podem pagar. Com relação ao serviço de saúde, a comunidade não tem um centro de saúde, pelo que as pessoas terão que acessar os centros de saúde e/ou hospitais que ficam na cidade de São Domingos.

Com relação ao emprego não existe neste momento uma frente de trabalho. Isso teve um impacto significativo na migração para cidade, à busca de emprego. As mulheres geralmente trabalham no comércio de produtos agrícolas e como empregadas domésticas, enquanto os homens se empregam na construção civil. Perante este cenário, muitos jovens que iniciaram as construções de suas habitações viram-se obrigados a parar as obras por falta de oportunidades de emprego e financiamentos. Para uma

comunidade que vive de agricultura e pecuária, num período em que atravessamos dois anos consecutivos marcados pelas fracas chuvas na região, os desafios de sobrevivência são enormes. A cada despertar, a chama da esperança das famílias na comunidade vem enfraquecendo face ao estado de abandono, silenciamento e invisibilidade que atravessa a comunidade.

Agência das Mulheres no processo de Redenção da África

A categoria agência é sistematizada na concepção epistemológica afrocêntrica, na década de 1980, pelo intelectual Molefe Kete Asante (2009a). A teoria da afrocentricidade refere-se à África como território geopolítico, cultural, sociocultural, epistemológico, económico etc., de todos os povos que resistiram e ainda resistem à dominação colonial e capitalista. Vejamos como Asante define o paradigma afrocêntrico nas suas próprias palavras:

“A ideia afrocêntrica refere-se essencialmente à proposta epistemológica do lugar. Tendo sido os africanos deslocados em termos culturais, psicológicos, culturais e históricos, é importante que qualquer avaliação de suas condições em qualquer país seja feita com base em uma localização centrada na África e sua diáspora. Começamos com a visão de que a afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre a sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos” (ASANTE, 2009a, p. 93).

Entretanto, a afrocentricidade é um paradigma de ação, modo de agir, e de se posicionar ou de ser, frente ao mundo assente nos interesses, história e sistemas culturais africanos, centrado na localização, e agência do africano. Nesse sentido, a consciência cultural e histórica do africano, enquanto agente, é fundamental para orientar e definir a sua conduta e modo de agir, pensar e definir os fenômenos, eventos e fatos, dentro do espaço e tempo em que ele se encontra. Asante (2009a) concebe agente nos seguintes termos:

Um agente, em nossos termos, é um ser humano capaz de agir de forma independente em função de seus interesses. Já a agência é a capacidade de dispor dos recursos psicológicos e culturais necessários ao avanço da liberdade humana. Em situação de falta de liberdade, opressão e repressão racial, a ideia ativa no interior do conceito de agente assume posição de destaque (ASANTE, 2000a. p.94-95).

A agência das mulheres africanas se confunde com a própria história³ da África. Na civilização Kemética e Etíope, antes da era comum, as mulheres ocuparam espaços privilegiados na organização social, desde a família, as demandas domésticas e os domínios fora do lar, como no domínio político, liderando reinos e instituições importantes.

O presente projecto é fundamentado no paradigma afrocêntrico de Mulherismo Africana como possibilidade epistemológica, política e ética, para reflexão e análise da agência das mulheres cabo-verdianas na resistênciã ao sistema de dominação neocolonial. Pois, das forçosas travessias transatlânticas, foram penetrados moldes de organização social estruturalmente racista, baseado no sistema de dominação e segregação social em Cabo Verde, que permanece dosando colonialidades que delinea formas de subjugação, conflitos e necessidade dos elite económica, para se retroalimentar e ascender no sistema hegemónico marcadas pelas práticas neocoloniais.

Nesta encruzilhada de resistênciã ao sistema de dominação colonial e racismo estrutural a cultura é o mecanismo fundamental na resistênciã das mulheres africanas. Neste sentido que a intelectual africana em diáspora, Clenora Hudson-Weens, percebe a necessidade de um construto epistemológico centrada nas experiências únicas de lutas, necessidades e expectativas das mulheres africanas. Da crueldade, fortaleceu-se a constituição de continuidades africanas, como re-alinhar a concepção de afetividade, um alicerce profundo para a continuidade africana, alvo de esfrelamento no processo colonial.

O paradigma de Mulherismo Africana encontra o seu fundamento na epistemologia de afrocentricidade e o matriarcado como princípio do sistema cultural que comprem a matriz civilizatória africanas. De entre esses princípios do matriarcado tem um papel fundamental na compreensão na compreensão da agência das mulheres africanas. Conforme as palavras intelectual africana em diáspora, Hudson-Weens (1994):

“O conceito de matriarcado destaca o aspecto de complementaridade na relação feminino-masculino, ou natureza do feminino e masculino, em todas as formas da vida que é entendida como não hierárquico. Tanto a mulher e o homem trabalham em

³ As mulheres africanas sempre estiveram na direção de grandes reinos e prontas para o comando de seu povo; muitas dessas civilizações possuíam o sistema sociopolítico matrilinear, uma tradição que nasce de profundas raízes históricas e culturais. Essa sociedade incentiva em todos os seus integrantes, a capacidade de integrar e participar na vida coletiva. Uma dessas mulheres foi Yaa Asantewaa (1840-1921), líder da última resistênciã realizada no século passado em território africano, diretamente contra o colonialismo britânico feito pela civilização Ashanti, uma confederação de reinos que se desenvolveu no sul de Gana nos séculos XVIII e XIX, tendo a sua capital na cidade de Kumasi, com edifícios feitos de terra, madeira e palha, que hoje são considerados patrimônios da humanidade.

todas as áreas de organização social. A mulher é reverenciada em seu papel como a mãe, a portadora da vida, condutora para a regeneração espiritual dos antepassados, a portadora da cultura, e o centro da organização social” (HUDSON-WEENS apud DOVE. 1994, p.8).

Deste modo, a responsabilidades social e agência da mulheres africanas ao longo da história subverte as representações estigmatizantes do seu papel submissa e das fragilidades face ao sistema hetero-patriarcal, misógenos e estruturalmente racista. Neste caminho ancestral, a comunidades assume igualmente um papel relevantes no processo de restauração do equilíbrio social.

Não obstante, Cheikh Anta Diop (1989) nos atenta para a transformações e mudanças que atravessaram estes mesmos valores culturais, mormente as influências de outras civilizações como árabe e europeia. Desse modo, falar do matriarcado inspira o cuidado de contextualizar o fenômeno, de forma a distinguir uma visão eurocêntrica sobre os fenômenos e eventos que atravessam as comunidades africanas, no continente e nas diásporas, considerando as dinâmicas civilizatórias internas face às múltiplas do sistema hegemônico.

O pressuposto central desta epistemologia deriva do princípio matrilinear concebida pelo intelectual senegalês Cheikh Anta Diop. Para fundamentar a sua posição, Diop, em *Unidade cultural da África Negra* (1989), explica que o comportamento e desenvolvimento humano são influenciados pelas condições do meio ambiente e condições de vidas concretas de um povo situado em dois contextos, a saber: Berço Meridional (Sul) e o Berço Setentrional (Norte). No Norte, as condições de vida nômada dos povos indo-arianas implicam a subvalorização da mulher que por sua vez representa um obstáculo à condição de mobilidade. Diop (1989) assegura nas suas próprias palavras:

o berço meridional, confinado ao continente africano em particular, é caracterizado pela família patriarcal, a criação do estado territorial, em contraste com as sociedades-estado arianas, e emancipação da mulher na vida doméstica, a xenofilia, o cosmopolitismo, um tipo de coletivismo social que proporciona tranquilidade com relação ao futuro, solidariedade material de direito para cada indivíduo, o que torna a miséria moral e material desconhecida até o presente; há pessoas vivendo na pobreza, mas ninguém sente sozinho e nem abandonado. No domínio moral, mostra um ideal de paz, de justiça, de bondade, de optimismo, o que elimina toda a noção de culpa ou pecado original em instituições metafísica (DIOP, 1989, p.177).

O matriarcado não significa dominação feminina e seu privilégio em relação ao feminino e sim complementaridade e partilha de responsabilidades e poder. Este último

pode ser partilhado entre homem e mulher tanto na política quanto na economia e religião. Historicamente, a tradição matrilinear estimula o desenvolvimento da mulher e sua contribuição positiva na sociedade. Isso contraria a superexposição estigmatizante das mulheres africanas, na historiografia Ocidental. Para escaparmos dessa visão do mundo que marginaliza os africanos, precisamos voltar às clássicas civilizações africanas. É fundamental, neste contexto de exclusão cultural, buscarmos nossas origens nos modelos civilizacionais do Egito e da Núbia, que definiam sua identidade cultural a partir de sua língua, história e cultura. Apesar da grande diversidade que caracteriza cultura africana nos diversos contextos sociais, seja no continente seja na diáspora, essa diversidade é tecida pelo princípio de unidade, conforme demonstrou Diop (1989).

Segundo o intelectual africano Mwalimu Shuja (1985), a educação é um processo de transmissão de geração à geração de conhecimento, valores, estética, crenças e todas as experiências e práticas que dão singularidade a uma particular orientação cultural. Todo o grupo cultural deve providenciar esse processo de transmissão ou deixará de existir (SHUJA, 1985). Nesta linha, Koperativa Per Ankh pela sua enunciação, é também um projecto pedagógico potente com o compromisso de promover conhecimentos sobre África e africanos, isto é, os aportes culturais de matriz civilizatória africana, excluídas e apagadas do sistema educacional em Cabo Verde.

Deste modo, pensamos que o Projecto Educacional Koperativa Per Ankh, tem potencializado a produção curricular formal e igualmente a não formal descolonizadas, comprometidas com a libertação das pessoas que compõem a comunidade e o entorno. Revelando a centralidade dos debates, práticas educativas, voltadas à construção da identidade cultural, em especial da construção da consciência e das sistematizações de conhecimento além do currículo formal. A nossa missão visa promover os processos educativos e as especificidades dos lugares como *locus* enunciativo das epistemologias e metodologias educacionais para a reafricanização das mentes.

Estratégias de caminhada Koperativa Per Ankh ao *Munti Celadu*

Neste ciclo, vamos nos ater brevemente sobre as estratégias definidas para a efetivação dos nossos compromissos com a comunidade. A nossa missão é comparada aos movimentos de subir o *Munti Celadu*, nome da montanha mais alta da região de Bahia de Alcatraz, localizada na comunidade de Achada Baleia. *Munti Celadu* é um lugar histórico e simbólico na vida das mulheres, homens e crianças que habitam a

comunidades de Achada Baleia e o seu entorno. Subir *Munti Celadu* todas as manhãs e nos finais do dia, para levar e trazer os animais é o ritual da maioria das famílias. *Munti Celadu* (ver imagens ao final deste trabalho) tem uma das vistas mais bonitas que eu já pude contemplar. O exercício de encantamento que transcende a dimensão estética e nos convida ao encantamento. Por isso a representação simbólica deste lugar nesse projecto.

Todo o nosso trabalho visa, dentro de um processo político e ético, o diálogo e as possibilidades de cada pessoa em parceria com a comunidade, promovendo os valores civilizatórios africano, que são ricos, complexos, sistemáticos e milenares. De entre estes princípios destacamos: a *Umoja* (termo da língua ki-swahili, que significa unidade ou união), coletividade, respeito pela natureza, restituição, solidariedade, ordem e equilíbrio comunitário, espiritualidade, afeto, respeito, ancianidade, oralidade, ancestralidade, dentre outros.

A nossa estratégia de trabalho foi e tem sido dinâmica e processual, nos encontros semanais, quinzenais e mensais, tendo como eixos lesteadores⁴ o conhecimento oral perpassado pela ancestralidade africana. Em outras palavras, o caminho metodológico tem sido aquele tradicionalmente transmitido pela cultura e tradição africana, encruzilhado no princípio estruturante, *Djunta Mó* (cooperativismo e solidariedade comunitária). Deste modo, a comunidade de Achada Baleia tem recebido, como valor curricular e de identidade cultural, o impacto e os efeitos positivos dos nossos propósitos. Não é demais dizer que o impacto maior se reflete na relação circular, das dificuldades que a comunidade enfrenta, com o contexto específico das múltiplas opressões de exclusão e de abandono por parte das entidades públicas e privadas.

As experiências das irmãs e irmãos, envolvidas(os) nesse trabalho, têm evoluído com a prática de solidariedade, restituição, coletividade e *Djunta Mó* e com a história africana, lugar que tem possibilitado aprofundamentos da manifestação de modo específico e, no mesmo movimento, a compreensão e estudos das múltiplas opressões e estado de exclusão da comunidade de Achada Baleia, da sua relação com o contexto social e histórico em busca de estratégias e caminhos para promover a elevação cultural, político, espiritual entre outros.

⁴Referente ao Leste, a localização do Continente africano. As nossas referências teóricas e metodológicas têm sido centradas na África e na dinâmica civilizatória africana.

O resultado esperado tem como foco o apoio à educação e serviços à comunidade, a valorização do sistema cultural africano, a reflexão sobre as experiências de múltiplas opressões e busca de estratégias e resistência e restauração de Maat. As aulas de reforço, serviços, palestras, cursos e minicursos e a sua execução tem sido e serão contabilizados no rol das metas do presente projecto. A procura de parcerias nacionais e internacionais, participação nos eventos, rodas de saberes são outros lugares de referência no tocante aos resultados. A transformação social tem como ponto central a valorização da educação como mecanismo de fortalecimento e libertação, da comunidade.

Os encontros e desafios da Koperativa Per Ankh

Apresentaremos alguns resultados das ações planejadas e efetivadas desde o início de trabalho na comunidade, finais de 2016. Nossas atividades foram desenvolvidas por meio de valorização das potencialidades e da construção do conhecimento das nossas crianças. Atendemos crianças e suas famílias por meio de ações que potencializam o fortalecimento de vínculos socioafetivos. Nossa proposta tem como prioridade o desenvolvimento integral das crianças; buscamos compreendê-las atuando em suas necessidades, anseios e aprendizagem.

As atividades foram baseadas na pedagogia Sankofa (fundamentada nos valores ancestrais africanos), nos quais trabalhamos com o despertar da curiosidade promovendo novas descobertas e aprendizados, propiciando o desenvolvimento das diversas experiências, sempre numa perspectiva holística e circular. Este trabalho proporciona o desenvolvimento das habilidades, criatividade, autonomia, colaborando para a promoção da consciência histórica e competência reflexiva e crítica, capazes identificar problemas e definir estratégias de enfrentamento para assumir sua agência e protagonizar a sua própria história.

Atendendo as metas propostos no âmbito da implementação do plano de atividade, realizamos um conjunto de ações, desde o início de 2017, com enfoque para a Educação subdividido em dois grupos: 1) a vertente cultural: mais unidade para um fim comum entre os jovens da comunidade, estimulação das crianças através dos diversos jogos; resgatar brincadeiras africanas mais antigas e ensinar as crianças para divulgarem e preservarem as nossas culturas; 2) a vertente educacional, centrada nas

aulas de reforço para crianças, desde pré-escolar até o Sexto ano de escolaridade e diversos jogos africanos.

O nosso propósito visa promover *Umoja* (unidade, união, coletividade, Ubuntu) – como princípio estruturante do sistema cultural africano, consolidado nas epistemologias, saberes e narrativas dos clássicos intelectuais africanos, mestres e mestras, anciãos e anciãs africanos(as), no continente, com adoção de diversas estratégias. Iniciamos as atividades com os pequenos jogos ancestrais tais como: jogos de futebol, jogo de dama, jogo mancala e Senet n, corridas de velocidades, entre outros. Com essas atividades desportivas conseguimos reunir o máximo número de jovens e crianças na comunidade.

O objetivo geral do coletivo é unir a comunidade para um único destino, conforme dizia Marcus Garvey, e mostrar a importância de uma comunidade organizada para atingir seus determinados fins. Segundo a concepção da filosofia africana, a complementaridade é o valor importante que caracteriza as relações e interações das pessoas dentro da comunidade. É neste sentido que a aposta nas atividades desportivas foi concebida como eventos para promover interseção e eliminar a competição como valores alienígenas ao nosso modo de ser atravessado pela ancestralidade. Apresentamos alguns jogos ancestrais importantes e uma breve contextualização histórica.

Oril: Jogo ancestral africano

O jogo africano denominado Oril, termo iuruba que significa cabeça é a expressão da Unidade africana, isto é, traduz o princípio da proclamada por Cheick Antah Diop, *Unidade na Diversidade*. Oril é um jogo que remonta à civilização Kemética (Egipto) há 7.000 anos, e por isso é conhecido como o *pai dos jogos*. Este jogo pode ser encontrado em alguns países africanos com os seguintes nomes: Daomé e Togo – Aji; Senegal – Ouri Abissínia – Gamado; Zaire, África Central e Oriental - Mancala/Dodoi (AGUISSEY, 1985).

Oril é um jogo de estratégia relacionado à sementeira. Simula o ato de semear, a germinação das sementes na terra, o desenvolvimento e a colheita. O movimento das sementes pelo tabuleiro é associado ao movimento celeste das estrelas, e o próprio tabuleiro simbolizava o Arco Sagrado. Em alguns países africanos, as partidas eram reservadas apenas aos homens ou sacerdotes. Na Costa do Marfim ainda conservam o sentido religioso e acreditam que só é possível jogar o Mancala à luz do sol. Saber fazer boas jogadas, ter boas estratégias é a ciência do jogo de oril, promovendo o

desenvolvimento das funções executivas, promove as habilidades de auto monitoramento, flexibilidade cognitiva, memória operacional, controle inibitório, iniciação e persistência, raciocínio, priorização, organização e planejamento.

Senet: introdução ao jogo ancestral africano

O senet é um artefato que foi criado pelos antigos egípcios há mais de 4 mil anos antes do início da Era Cristã (de acordo com o calendário ocidental). A palavra *senet* significa passagem no sistema de escrita hieroglífica utilizada pelos antigos egípcios. O sentido de *passagem* é alusivo à jornada da alma entre o corpo físico e o mundo invisível, espiritual. O artefato foi utilizado com finalidades místicas, educacionais e como um jogo fundamentalmente de percurso.

O tabuleiro do *senet* (imagem em anexo abaixo) possui o formato de uma prancha retangular com três fileiras preenchidas por dez quadrículas, formando um total de trinta casas. A imagem do SENET foi gravada em muitos papiros, túmulos e paredes de templos no interior de cidades como Abju (Abydos), Heliópolis (Lunu), Memphis (Menfer) e Tebas (Waset), do Alto ao Baixo Egito (GOMES; CUNHA JR., 2019).

Na versão jogo, o *senet* foi extremamente popular em todo o território do antigo Egito durante milênios. Cada jogador tem 5 peças (ou peões) normais e 1 especial para movimentos sobre o tabuleiro. Os peões são deslocados pelo tabuleiro em um sentido na forma de “Z”, a partir da primeira fileira de casas. O jogador que remover todos os seus peões do tabuleiro primeiro, após as três fileiras de casas, encerra o jogo. A prática do *senet* exige raciocínio, concentração e cálculo em um genuíno exercício filosófico africano.

Vertente educacional

Para a melhoria da qualidade de educação, a comissão achou que deveria apostar fortemente na educação sobretudo infantil com os seguintes objetivos principais: oferecer aulas de reforço para crianças desde pré-escolar; organizar oficinas de redação para crianças soltarem a imaginação; conseguir bolsas de estudo para crianças e adolescentes junto dos parceiros nacionais e internacionais; contribuir financeiramente com o transporte dos alunos com dificuldades de continuar os estudos; fazer crianças conhecerem e reconhecerem as suas histórias e os seus ancestrais; mostrar e relatar o percurso dos líderes africanos; montar uma biblioteca e um brinquedoteca na

comunidade; através de visitas aos lugares históricos, mostrar e relatar a história das dos/das líderes africanos, ao longo da história da civilização kemética até atualidades nos mais variados campos, saúde, ciências, tecnologia africanas, economia, políticas, educação, cultura, dentre outros.

Contaço de histórias

Conforme mencionamos acima a nossa missão visa a reafrikanização das mente. Para isso definimos como mecanismo de aprendizagem a prática de contaço de história para crianças. Inspirado nas prática ancestral africanas, protagonizado pelo/as os griôs e griotas, no processo de socialização na educação infantil. Grios e griotas são os condutores do rito do ouvir, ver, imaginar e participar, são os artesãos da palavra, Isto é, de transformam a palavra em objeto artístico e penetrar a espiritualidade das crianças, transmitindo a cultura de geração em geração. Narrar uma história é apenas um lado das atividades exercidas por um griô. Cantar e recitar louvações são as atividades essenciais na promoção da consciência histórica e identidade cultural (DIOP, 1989). A roda de contaço de história (ver anexo) foi e tem sido um evento elementar no processo de socialização das crianças.

Diálogos encruzilhados: Koperativa Per Ankh, Cumunidade e Universidades

Ao longo da nossa atuação, tivemos participações nos eventos acadêmicos nas Universidades em Cabo Verde e Escola de Ensino Secundário (Médio) em Cabo Verde. Em novembro de 2018, organizamos umas conferências na Escola Secundário do Conselho de São Domingos com participação dos/das intelectuais, Professores Doutores/ras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira UNILAB. Todos os eventos tiveram, como eixo lesteadores (RAMOSE, 1985), o processo de descolonização e renascimento africano (CABRAL, 1970; ASANTE, 1980) como mecanismo de libertação, no continente e nas diásporas, considerando os processos históricos partilhados – colonização e escravização.

A Conferência foi intitulada: Filosofia Africana e Descolonização do Currículo: possibilidades epistemológicas para uma educação emancipatória. Com esse evento pretendemos firmar o compromisso de apontar caminhos para a superação do sistema educacional herdada da nossa metrópole colonizadora. No presente evento refletimos

sobre seguintes temas: Descolonização do Currículo e o Sistema Cultural Africano e Afro-brasileiro; Filosofia africana: perspectivas para a descolonização do Currículo de Etnomatemática: Caminho para a Decolonialidade do saber; Afromatemática, Conhecimentos Culturais Africanos e o Jogo Mancala; Fundamentos filosóficos e práticos de Samba e Capoeira.

Desse modo, a renovação das disciplinas históricas nos parece mecanismo estratégico para o enfrentamento do racismo epistêmico e científico nas Universidades, no continente e diáspora. Importante destacar que as nossas Universidades são eurocêntricas no seu projecto pedagógico, e cabe aos intelectuais africana/os propor disciplinas históricas, novas narrativas epistemológicas centradas na matriz civilizatória africana e capazes de atender as reais necessidade e expectativas do povo africano.

Os estudos dos fenômenos africanos carecem de uma concepção epistêmica, assim como de metodologias fundamentadas na ancestralidade africana, para que as respostas encontradas a partir dos estudos desses fenômenos sejam coerentes com o sistema cultural e processos históricos endógenos. Consequentemente, as políticas públicas definidas como estratégicas, possam efetivamente promover as mudanças que almejamos, no continente e nas diásporas.

Ademais, é relevante que as nossas Universidades promovam debates, construção de pesquisas, ciências e ensino que formam sujeitos/intelectuais africanos/as capazes de compreender o sistema de dominação imanente nos nossos contextos sociais e, desse modo, tenham a capacidade de promover transformação social; porém, isso só será possível a partir do momento em que o nosso sistema de ensino em todos os níveis e áreas de conhecimentos sejam elaborados a partir de um esforço intelectual que reconheça e que se firme no importante exercício do retorno ao passado para resgatar o dinâmico, complexo, rico, sistemático e milenar sistema cultural africano.

Para nos libertarmos do encarceramento conceitual (AKBAR, 1980) é de fundamental importância fazer o retorno, *sankofar* a produção epistêmica. É neste sentido que assumimos a nossa missão nesse processo de libertação do nosso povo, promovendo debates, estudos e pesquisas sobre a epistemologia africana nas várias áreas como educação, política, economia, pedagogia, saúde holística, ambiente, entre outros.

Em novembro de 2018, participamos no Colóquio Internacional de Políticas Antirracista no Mundo – promovido pela Universidade de Cabo Verde (UNICV) em

parceria com a Universidade Federal do Maranhão (UFMA). No painel: Mulheres, Poder e Emancipação, a nossa participação foi notavelmente centrada na proposta epistemológica de Clenora-Hudson-Weens (1980) – Mulherismo Africano, que tem sido defendido por intelectuais africanas no continente e diáspora, dentre elas Ama Mazama, Oyeronke Oyewumi, Marimba Ani, Ife Amadiume, Dye Kasemba, Nah Dave, Sobonfu Some, Paulina Chiziane (ver anexo).

Considerações finais

As intervenções a nível educacional tiveram um impacto muito significativo apesar das dificuldades encontradas no seio da comunidade. Sendo a nossa comunidade muito pobre os pais e os educadores não conseguem dar respostas, tanto financeiras quanto educacionais às crianças; o coletivo cumprindo o seu protagonismo na vertente educacional no seio da comunidade contribuiu imensamente. Na medida em que a parte educacional merece urgentemente uma análise mais profunda sobre como estão sendo desenvolvidos os conteúdos e metodologias de ensino básico, o grupo não poderia aparecer no momento mais certo do que este.

A educação não deve ser vista como mecanismo de formação de escolarização a modelo ocidental e nem para a realização pessoal, mas para prestar serviço à comunidade, promover a formação de identidade positiva - fator histórico, fator linguístico e fator psicológico (DIOP, 1969) - nas crianças e formar pessoas com consciência histórica, capazes de assumir a sua história e agência no processo de Renascimento Africano e restauração da nossa soberania enquanto povo. As segmentações das atividades educacionais não restringiram apenas o ensinamento pedagógico, mas sim sobretudo ensinamento moral, ético, político e filosófico. O Renascimento Africano só é possível pelo viés de uma educação protagonizada pelas mulheres e homens africanos, num movimento de suleamento, para restauração de Maat.

Referências

- ASANTE, Molefi Kete. (1999a). Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar. Elisa. L. Nascimento (Org.). *Afrocentricidade: Uma abordagem epistemologia inovadora*. Selo Negro, São Paulo.
- AGUESSY, Honorat. (1985). Visões e percepções tradicionais. In: SOW, Alpha et al, *Introdução à Cultura Africana*. Edições 70 Lisboa, p.95-136.
- AMADIUME, Ifi. *Re-inventing Africa: Matriarchy, Religion and Culture*. Interlink Publishing Group, 1997.

- ANDRADE, Rutte. (2018). Diálogos encruzilhados: afrocentricidade, mulherismo africana, e possibilidades epistemológicas emancipatórias. In: COSTA, Geranilde; OLIVEIRA, Evaldo Ribeiro (Orgs.). *Experiências em Ensino, Pesquisa e Extensão na Unilab: Caminhos e Perspectiva*. v. 3. Imprece. Fortaleza.
- CABRAL, Amílcar. (1978) *Unidade e Luta. I. A Arma da Teoria*. Textos coordenados por Mário Pinto de Andrade, Lisboa: Seara Nova.
- _____. (1977). *Unidade e Luta II. A Prática Revolucionária*. Textos coordenados por Mário Pinto de Andrade, Lisboa: Seara Nova.
- _____. (1979). *Análise de alguns tipos de resistência*. Guiné-Bissau: Imprensa Nacional.
- _____. (1999). *Nacionalismo e Cultura*. Galiza: Edicións Laiovento.
- DIOP, Cheikh Antah. (2015). *Unidade Cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica*. Editora Pedagogo, Lisboa.
- FANON, Frantz. (1980). *Em Defesa da Revolução Africana*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, Editora.
- HOOKS, Bell. (2013) *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. WMF Martins Fontes. São Paulo.
- NKRUMAH, Kwame (1977). *A luta de classes em África*. Sá da Costa. Lisboa.
- LOPES, Carlos. A pirâmide invertida: historiografia africana feita por africanos. 1995. In: *Colóquio Construção e ensino da História de África* (7-9 de junho de 1994), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- OYEWÚMÍ, Oyèrónké. *The invention of women: making an African sense of western gender discourses*. University of Minnesota, 1997.
- OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *Matripotency: Ìyá in philosophical concepts and sociopolitical institutions. What Gender is Motherhood?* Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2016, capítulo 3, p. 57-92, por wanderson flor do nascimento.
- OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de wanderson flor do nascimento.
- OYĚWÙMÍ, Oyèrónké . *The invention of women: making an African sense of western gender discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.
- _____. *Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the Oyèrónké Oyěwùmí* 28 *Problemata: R. Intern. Fil.* v. 10. n. 2 (2019), p. 8-28 ISSN 2236-8612 *challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar: CODESRIA, 2004, p. 1-8.*
- _____. *What Gender is Motherhood? Changing Yorùbá Ideals of Power, Procreation, and Identity in the Age of Modernity*. Nova Iorque: Palgrave, 2016.
- SOMÉ, Sobonfu (2007). *O Espírito da Intimidade- ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos*. 2ed. Tradução de Deborah Weinberg. Odysseus, São Paulo.
- TA FARI, Kwesi e CUNHA JR., Henrique (2019). *Senet: Introdução ao Jogo Ancestral Africano*. Addis Fetha Selo Editorial, Cabo Verde.

Apêndices

Imagem 1: Esta imagem da bandeira do Pan-africanismo como símbolo dos nossos propósitos.



Fonte: nossos arquivos, a partir da caminhada Sankofa ao *Munti Celadu*

Imagem 2: Com os meus irmãos de luta, na caminhada Sankofa ao *Munti Celadu*



Fonte: nossos arquivos



Imagem 3: Jogo de Mankala



Fonte: nosso arquivo

Imagem 4 - Senet: jogo ancestral africano



Fonte: nossos arquivos

Imagem 5: Equipas de futebol

Equipe: mais novos



Equipe: mais velhos



Fonte: A última equipe compõe a nossa escolinha de futebol

Imagem 6: Aula de reforço, com os materiais didáticos adquiridos com os nossos próprios recursos.



Imagem 7 - Rodas de contação de histórias



Fontes: nossos arquivos

Imagem 8: Reunião com os pais e encarregados de educação promovendo reflexão sobre a presença dos mesmos na educação das crianças, caminhas e desafios



Fonte: nossos arquivos

Imagem 9: Roda de saberes e diálogo entre gerações: saúde reprodutiva feminina e alimentação natural.



Fonte: nosso arquivo

Imagem 10: Ativismo como espaço de formação da consciência crítica e política



Imagem 11: Participação no Colóquio Internacional na Universidade Pública de Cabo Verde.



Fonte: Universidade de Cabo Verde (UNICV)

Imagem 12: A Conferência foi intitulada: Filosofia Africana, Descolonização do Currículo e a Lei 10.639/2003: possibilidades epistemológicas para uma educação emancipatória.



Fonte: nossos arquivos

Imagem 13: Participação no curso Pensamento de Amílcar Cabral – caminhos e descaminhos para a libertação. A convite do Movimento Federalista Pan-africana Kabu Verdi, ministrei o Módulo: Mulherismo Africano e epistemologias emancipatórias.



Fonte: nossos arquivos